



Gil Cleber
Poesia

----- Um corpo sem sombra

Gil Cleber

UM CORPO SEM SOMBRA

Poesia

Registrado no Escritório de Direitos Autorais (Fundação Biblioteca Nacional) sob o no 349.970, às fls. 130 do Livro no 645.

Arte final e ilustração da capa pelo autor.
(Desenho a lápis digitalizado e modificado com efeitos do Adobe Photoshop.)

O conteúdo deste livro não poderá ser alterado, reproduzido nem utilizado comercialmente. Pode, no entanto, ser redistribuído, em formato eletrônico ou impresso, desde que gratuitamente.

Nota essencial:

Sendo o autor terminantemente contra as mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas pela lei no 5.765 de 18 de dezembro de 1971.

Contato com o autor: gilccarvalho959@gmail.com

Torres

Janelas

Porões

Torres 15

Engano.....	17
Ruína	18
Esperança.....	19
Ilusão	20
Ausência.....	21
Descoberta	22
Dia triste.....	23
Luzerna.....	24
Blasfêmia.....	25
Chuva.....	26
Extinção.....	27
Renascimento.....	28
Figo.....	29
Girassol	30
O galo	31
No baile	32
O velho.....	33
Aproximação	34
Criação.....	35
Perdição	36
Simulacro.....	37
Espreita.....	38
Tormento.....	39
Luta	41
Memória.....	42
Noturno	43
Corrupção	44
Partida.....	45
Sem medo.....	46
Guerra.....	47
Gôsto de cana.....	48
Finalidade	49
Espanto.....	50

Janelas 51

Visita	53
Jardim de outono	55

Hora trágica	56
Setembro	57
Bodas	58
Alquimia	59
A estrada	60
Amigos	61
Noite urbana	62
Fábula	64
Adormecer	65
Indagação	66
Álbum	67
Moças	68
Inquietação	70
Navios	71
Terror	72
Advertência	73
Canção de ninar	74
Perenidade	75
Rapsódia na madrugada	76
Separação	77
Trajetos	78
Insônia	79
Desespero	80
Dissolução	81
Sobressalto	82
Destruição	83
Salão de festas	84
Prudência	85
Invasão	86
Nudez	87
Riso	88

Porões 89

Três Marias	91
Mergulho	92
Bobok	93
Perpetuum mobile	94
Um pássaro contra a vidraça	95
Mistério	96
Conspiração	97

Plenitude.....	98
Silêncio	99
Das frutas	100
Laceração	101
Conselho	103
A sala.....	104
A cozinha	105
A velha casa	106
Menino	108
No Jardim	109
Reencontro.....	110
Herança	111
Latência	112
Pátina	113
Desencanto.....	114
Viajante	115
Tango argentino.....	116
Juízo final.....	117
Vitrais.....	119
Condenação	120
Vesperal.....	121
Espelho	122
Assombração	123
O Sol ilumina o dia.....	124
Desenlace	125
Incúria	127
Emboscada.....	128

*E a luz então, em mais puras explorações fecunda, inaugurava o branco reino a que levei talvez um corpo sem
sombra...*

(Saint-John Perse – Para celebrar uma infância)

Torres

Engano

O ÚNICO sorriso é o que vela na sombra,
Mas o vermelho das rosas
Imita o teu lábio.
A mão desliza sobre a almofada,
Ajeita a toalha na mesa,
Recompõe os cabelos...

Na tarde
Os olhos espreitam as horas,
O silêncio canta uma trova
um grito,
E um pássaro morre em pleno vôo...

Caio em mim.
O dia é um pergaminho antigo.
Tudo tarda na vida,
Menos a morte.

1
7

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Ruína

G
i
l
C
l
e
b
e
r
l
8

SOBREVOA as dunas
Um pássaro com suas asas de gelo.
Seu canto de cristal
Cai
Como flechas
Entre as árvores do jardim.

O lírio murcha em seu pedúnculo,
E um galho
Onde as folhas não nascerão outra vez
Acena para mim.
Minha sombra e o entardecer são um só.

No lento crepúsculo
Tarda o horror!

Esperança

AGORA o sol se eleva
E do oásis sobrevém a esperança.
Mesmo que o pássaro de gelo cante seu desafio
O sonho será mais real
E a música encherá a tarde
Com a alegria da vida.
Na planície
Ouviremos um rádio
– alguém que passa, caminho da roça –
Tocando uma canção.

1
9

Então você desabotoará a blusa,
O tecido leve resvalando dos seus ombros
E, à luz,
Seus seios rebrilharão.

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Ilusão

G
i
l

C
l
e
b
e
r
2
0

DENTRE o verde da folhagem

Assoma tua pele clara,

O bico róseo do teu seio,

Tua boca de romã.

Teus dentes afundam na fruta madura

E o sorriso que insinuas alcança

Como pássaro

o céu da minha expectativa.

Ó bela das manhãs de outono,

Qual é o teu nome acima de todos os mitos?

Qual a tua imagem

na tela irreal do meu pensamento?

...

Mas, no instante da revelação,

O pio de um corvo pousado no vaso de louça sobre a cômoda

Adverte-me contra a falácia do meu sonho.

Ausência

A ASPEREZA do tronco em meus dedos,
A folhagem que a brisa faz entoar um salmo
Ou o Cântico dos Cânticos,
Meus pés descalços sobre a relva
– Tudo, neste recanto de jardim,
Entre o muro e a parede dos fundos,
Ensaia na tarde a iniciação da sombra.

Além, sobre a mesa,
A taça exhibe o sangue das uvas,
Esplende
O ouro que o sol desenha e transfigura em sua borda.

Na janela, o vento moveu, leve, a cortina branca,
E quando julguei que teu vulto
Assomava detrás da vidraça,
Ouvi, longe, o crocitar de um corvo,
E soube que de ti ficara apenas tua partida,
E do que fôramos
Somente este recanto de jardim
Entre o muro e a parede dos fundos.

2
1

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Descoberta

G
i
l

C
l
e
b
e
r
2
2

*“NADA do que pode ser dito
Está unicamente nas palavras...”*

E as palavras se dissolvem entre a porta da sala
E a cadeira de balanço da varanda.
Sobre o parapeito, o vento move as folhas do livro,
Pudesse
E levaria também todas as palavras escritas
Deixando em branco as velhas páginas.
Minha sombra estende-se, horizontal, no assoalho,
E em minha pele
A luz do sol adquire uma cor diferente.

O entardecer é azul,
E o vento estival continua
A assoviar fininho nos arames
E a mover as páginas do livro,
Onde as palavras se calam
Em seu silêncio de papel.

Dia triste

PELA janela

Vejo

uma esquina

uma porta aberta,

E o rumor do dia nublado

É como o vento num velho impermeável,

Desses com que se sai à chuva.

Uma bandeira pende num mastro,

Mas não posso vê-la,

E uma criança doente

Abre os olhos para a escuridão.

Os passos no sobrado

Falam-me de uma presença,

E o vento nos caibros da casa velha

Assovia

Lembrando lábios antigos.

No jardim

Uma pétala cai,

E o dia é como uma ostra

Em cujo interior

A pérola

Dói.

2

3

U
m

C
o
r

p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Luzerna

G
i
l

C
l
e
b
e
r
2
4

DO FRUTO maduro

Escorre o orvalho,

Gota

Chama

Cristal incandescente.

O sol, grande cavalo de lava,

Desponta na névoa

E agita as asas como o anjo do Apocalipse.

Criança,

Abre teu sorriso

Que um pássaro espera para cantar.

Torna-te manhã

Que, em repouso,

As feras se transformarão em luz.

Blasfêmia

UM VENTO cruza
A extensão do jardim
Feito presença súbita
Que, súbito, cessa.
Embaixo da mangueira
Resta o musgo
Esverdinhando o mármore da mesinha.
A fonte, no entanto, secou desde o último verão.

Apagou-se agora a janela do quarto,
E a porta da frente
Abre-se
Para a noite que faz na sala.
O vento – a brisa – contornou a casa,
Voltou como uivo
Do lado do poente.
Trouxe quietude e sombra
E a lembrança de algum convés de navio.

Teus passos se apagam na terra
Sob a grama alta,
O som da tua voz converteu-se em pó,
E a grande fera com sete cabeças e dez chifres
Ergueu-se no monte,
Tigre ou besta em Patmos –
E pronunciou uma blasfêmia
À solidão.

2
5

U
m

C
o
r

p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Chuva

G NO SOM da chuva
i Descubro palavras
l Que não hei de entender nunca.

C Quando vir no céu o sinal
l Estenderei as mãos para tocar essas vozes líqüidas,
e Mas meu entendimento não se abrirá.
b

e Oh, aquela que abre a vidraça
r E deixa entrar a noite
2 Com os vaga-lumes e a escura ventania;
6 Oh, ela!
Cuja voz ouvirei como um violino que tocasse sob as águas,
Em seu cântico descobrirei
A mensagem da chuva,
Mas essa mensagem
Há de permanecer indecifrável.

Extinção

NO JARDIM

Entre os canteiros

Teu vulto de ontem passeia,

Memória

Presença falaz

Inexistência.

Enquanto isso

As flores murcham no jarro da sala

E o relógio de parede imobiliza as horas em seu mecanismo quebrado.

2
7

A vida jaz

Como um pêndulo,

E a tarde luminosa

Extingue-se no silêncio,

Feito uma pedra

Que cai

No fundo de um poço.

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Renascimento

G A GRANDE flor se abriu
i E estendeu seus tentáculos ao longo da manhã.
l Teus olhos se coloriram de luz
E minhas mãos tocaram a dor de tuas dúvidas.

C
l Na janela
e Tu havias deixado o vestido amarelo
b Do baile da outra noite,
e E eu
r O terno cinza da solidão
2 Escondido no meu armário outonal.
8

Deu meio-dia,
Sobreveio a monotonia da tarde
Como um trem que passa
Mas fica.
Ao mesmo tempo os latidos da matilha furiosa
Perdiam-se na lonjura dos anos.

A grande flor reinou por um dia,
Depois murchou.
Teu vestido murchou com o anoitecer,
Perdeu a cor.
Teus olhos
Teus lábios
Velaram-se.
Mas na sombra do armário de outono
Meu velho terno cinzento
Converteu-se em asas coloridas,
Pássaro terrível,
E eu emergi para a noite
Como que para banhar-me em sangue.

Figo

FIGO,
Aberto no prato
Refulge
Na brancura da louça
Como um ouro inca.
Figo
Com que armas te defendes,
Com que afiados espinhos te opões à minha investida para provar
o teu mel?

Que mistério em ti
Incita ao pecado da gula
Ou da vaidade?

O dourado do figo
Será o mel para os meus lábios
E lembrará o ouro com que adornaria o seio dela...

2
9

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Girassol

G
i
l
C
l
e
b
e
r
3
0

GIRASSOL.
Teu movimento é dor
Acompanhando a luz
Para mergulhar na treva.
Teu giro é um apelo,
Um grito de agonia,
E tua larga face redonda
Uma imitação vulgar:
O sol possui labaredas
E línguas de fogo,
Mas tu, apenas pétalas amarelas,
E no fim do dia pendes,
Curvado para baixo em tua haste.
Contemplaste as alturas
Mas está reservado para ti
Tão somente o chão
Que se aproxima.

O galo

É CEDO ainda quando o galo canta
Seu tranqüilo e repetitivo hino
Que, é certo, nem mesmo ele compreende
Mas que a todos enfastia.
Por que ainda cantas, ó galo,
E ostentas essa crista feito um rubro cravo,
Essas barbelas murchas
E esse teu pescoço pelado
Enrugado e ridículo?
Pobre ave.

Ainda pensa em pôr ordem no mundo,
Mas a única coisa que sabe fazer
É cantar,
Repetir sua elegia do absurdo,
Como se ainda houvesse novidade nela
E todos já não a conhecessem de cor.

No alvorecer
Vai ver que esse pobre galo pensa
Que o dia se aproximou apenas para ouvi-lo,
Incapaz de achar que foi a noite
Que fugiu de seu esganiçar incômodo.

3

1

U

m

C

o

r

p

o

s

e

m

S

o

m

b

r

a

No baile

G OS BAILES foram feitos também para a mulher feia.
i A mulher feia e triste
l Rodopia seu sonho de música e dança
C Que dura só alguns momentos
l Para depois recolher-se a um canto,
e Uma esquina de parede,
b Um fundo de sala
e (ou de poço).
r Por alguns minutos andou de braços com a ilusão
3 E julgou-se princesa.
2 Com a luz da aurora
A mulher feia,
A mulher triste
Volta devagar para o frio de sua vida cinzenta.
Seu último par fora um vesgo,
Um torto qualquer,
Feio também – e daí?
Ela o fizera príncipe,
Em instantes tornara-o rei, imperador,
Mas... era-lhe proibido um reino permanente
E o trono se desfez.
Eu, de mim para mim,
Acho que é bem feliz a mulher feia,
A mulher triste:
Jamais se enfastiará de seu principado
Nem conhecerá o tédio de ser uma nobre todo o tempo,
Não se cansará de ser princesa momentânea
E cada castelo seu terá mais brilho que o outro,
E ela há de ter quantos castelos desejar.

O velho

O QUE há de triste no velho
Não é a tremura de suas mãos
Ou a fraqueza de suas pernas,
Suas vistas curtas
Ou seu sexo inútil;
O que é triste no velho
Não é sua mente cansada,
A ausência de caminho para seus pés
E de direção para seus apetites,
E as solas gastas de seus sapatos antiquados.
Nem mesmo sua incapacidade de sonhar é triste.
Triste no velho, é,
Tão somente,
A inutilidade de sua velhice.

3
3

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Aproximação

G NO FIM da tarde
i As folhagens se tornam mais verdes,
l E as sombras intensas
C Prenunciam a noite.
l Teus passos na calçada
e São esses sons que em minha memória persistem,
b Embora eu saiba
e Que há muito tu já não andas em minhas ruas e em meus dias.
r Abro a janela
3 – a vidraça, num rompante! –
4 Para uma réstia de sol
Que tinge de rubro a copa das árvores próximas,
E me deparo com a grande fera
Que avança mais um passo em minha direção.

Criação

UM PÁSSARO cantou

Súbito

Em algum lugar,

Em algum tempo,

E eu abri os olhos

Para um mundo que não sei.

No cômodo vizinho

Alguém deixou cair um objeto,

E, enquanto o silêncio da manhã se recompunha,

Curvou-se para apanhá-lo.

Essas coisas acontecem

Como se devessem acontecer.

É este o mundo em que vivo.

Mas quando eu abrir as asas que venho inventando

Tudo se tornará diferente,

Já não haverá acontecimentos sem propósito

Nem gestos inúteis.

É verdade que eu, às vezes, tenho medo

De que o mundo que guardo sob as asas que invento

Seja,

Contudo,

Vazio.

3

5

U
m

C
o

r

p

o

s

e

m

S

o

m

b

r

a

Perdição

G
i
l

C
l
e
b
e
r
3
6

A GRANDE borboleta azul
Abriu suas asas à luz da manhã
E deslumbrou os homens.

Recostado na parede da velha casa
E espiando os canteiros
Onde a erva daninha sufocava as flores,
Vi chegar o cinzento inverno
Com seu manto de horror e solidão
Para enregelar os meus dias.

Nem voou a grande borboleta azul,
E o olho pasmo da multidão
Se abriu, trágico espanto,
Em exclamações incontidas ante a placa de vidro,
Enquanto entre suas asas eternamente imóveis
Cintilava o aço de um alfinete.

Está morta a grande borboleta azul,
Mas eu,
Na estreiteza dos meus limites,
Vou caminhando pelos charcos
E suportando ainda este inverno
Que, pouco a pouco,
Se afasta
Rumo à primavera.

Simulacro

SONHO com asas –
De pássaro ou de borboleta,
Quaisquer asas,
Não importa.
Não as quero, porém, cinzentas e tristes,
Mas coloridas e vistosas
Para que meu vôo simule um pôr-do-sol
Ou um jardim florido,
Embora chova
E seja inverno,
E as pétalas residam ainda
Apenas na possibilidade.

3
7

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Espreita

G ESSE monstruoso movimento de asas
i Que escurece a tarde
l É a grande mariposa cinzenta
C A espreitar meus dias.
l “*Parte, mariposa*”, eu digo,
e “*Traga-me um pouco da cor do crepúsculo*”,
b Mas sua resposta
e É esse bater de asas que anoitece,
r Seu vulto impreciso na sombra,
3 Sua dança vagarosa
8 Feito uma sentença de morte.

Tormento

ESTE amanhecer cinzento
Lembra-me as janelas de um salão de festa
Por cujas frinchas a luz simula a hora de voltar.

A lentidão do tempo
Dói,
E o som das vozes
Perde-se
Da boca dos homens estupefatos.

A grande esfera amarela do Sol
É uma laranja podre
No meio do céu.
O dia
Com suas imensas portas
Atravessa a solidão sem deixar sinais:
Entardecer é um fastio,
Um tédio que corrompe.

A direção das horas é perdição,
Taça de veneno,
E o ocaso lembra uma ferida
Que um mendigo coça com as unhas sujas.

Lentamente passa uma sombra
Cujo silêncio
– tatuagem de gelo –
Soma-se aos meus ouvidos tardos.
O que sobra do dia
É a fechadura velha do sótão
Que não consertei;

3
9

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Esta roupa, que não uso mais,
Pendurada no cabide;
O guarda-chuva deixado a um canto da sala de estar.
Todas as coisas mínimas
Que me esqueci de fazer
E que se fecham em si mesmas como conchas,
Caixa de jóias
Que guarda apenas poeira.

No inominável tormento,
Porém,
Não estou só:

Uma mulher vestida de noite
Caminha para mim.
Suas asas são treva,
Seu sorriso, escuridão.

Luta

NA VELHA rua,
Entre os telhados altos desce o neveiro
Em luta
Contra o fino raio de sol que avança pela manhã.
A um canto
Ficaram as muletas que o morto da outra noite não pôde levar
consigo.

Longe, porém, na densidade da selva,
Um jaguar passeia
– o rugido feito granizo nos telhados –
Enquanto o assovio do vento
Inventa
Uma canção de espera.
Na manhã gelada
A pele do jaguar sacode na ponta de uma estaca
– bandeira de morte –
Desfraldada em triunfo pelo inverno,
Mas seus ossos branquejam
Ao voejar das moscas no monturo.

4
1

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Memória

G
i
l
C
l
e
b
e
r
4
2

ATRAVESSO a soleira,
Dissolvo-me no interior da casa vazia.
Pressinto essa existência
De memória e de ossos,
Uma história que a ventania
A rugir no arvoredor
Apaga do mundo dos vivos.

Os que estiveram aqui antes de mim
Talvez a ignorassem,
Mas, sem o saberem,
Deixaram na poeira do assoalho
A marca de seus pés...

A casa é uma concha que levo ao ouvido,
Mas o que ouço não é o rumor das ondas:
Uiva
Lá dentro
O lobo furioso do tempo.

Noturno

ATRAVÉS dos vidros da janela
Tinge-me a luz de novas cores
Na noite encantada.

A lua não é ouro
Nem prata:
Será gelo
E lápide – espelho de delírios.

Sobre os telhados da aldeia
O grande morcego voa
Em silêncio
Com asas roubadas.
Estendo os braços:
Eu, quando poderei voar?

Rindo-se do meu espanto
Dançam crianças nuas sobre os túmulos
Onde os homens
Diariamente
Depositam seus sonhos.

4
3

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Corrupção

G
i
l

C
l
e
b
e
r
4
4

BRANCA

Sobe o ar verde da manhã

A fumaça das chaminés:

Estralejar de gravetos na boca do fogão a lenha,

Na chaleira

Fumega o café coado há pouco,

Na cozinha, cheiro de pão frito em frigideira de ferro...

Interminável infância.

A indecência da vida

Soma-nos a cada dia

As cores berrantes da corroída inocência,

Da perene mácula,

Da maldição que se bebe

Gota a gota

Na taça de ouro

Da corrupção.

Partida

DEIXA, amor meu, tua mão tocar a terra
E perceber a dor de estar hoje aqui
E já não estar amanhã...

Passa, sem rumor,
Segue na direção das sombras,
Que o dia
É um ludíbrio de retinas sonhadoras.

Do jardim quieto
Chega-nos o rumor da chuva nas folhas,
E sobre nossas cabeças
Como infatigáveis guerreiros
Nuvens escuras tramam,
Com astúcia,
Relâmpagos e trovões.

No caminho da sombra,
Porém,
Teus pés não deixarão rastro,
E quando me perguntares por quê,
Direi simplesmente:
“É porque já não estás aqui.”

4
5

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Sem medo

G O MORTO de ontem deixou um lugar vazio à mesa
i Que alguém virá, sem demora, ocupar.
l

C Partamos!,
l Que partir não é mais que isso,
e Morrer um pouco
b – mas com a chance de uma breve ressurreição.

e Partamos
r Sem o cuidado de que alguém venha
4 E tome o lugar que deixaremos.
6 Partamos,
Que no regresso seremos outros,
E teremos outro lugar
– reservado a esses outros que seremos.

Sim, partamos
Que viver é um lapso,
Um instante de luz:
Tudo mais se dissolve
No fundo do poço.

Guerra

...E,
Súbito,
Ao clarão deste sol vermelho de outono,
Irrompe
Com suas Fúrias
E seu cavalos bravios,
Deixando à sua passagem
Uma paisagem de olhos fundos
E ossos à mostra
Como mastros,
Um desenho macabro
De gavetas vazias
E sepulturas,
De páginas em branco,
Tardes silenciosas
E relógios quebrados¹...

4
7

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

¹ Escrito em 06/09/02.

Gôsto de cana

G
i
l
C
l
e
b
e
r
4
8

O BURRINHO com viseiras
Andava em círculos
À volta da moenda de cana,
No terreiro grande.

Eu, miúdo ainda,
Enjoava daquele caldo escuro e cheio de ciscos
Que escorria para o balde.

Tempos depois,
A moenda, abandonada ao tempo,
Deixou de funcionar,
E de um moirão da cerca
Brotaram ramos e folhas,
E o tronco morto
Converteu-se em árvore.

De mim
Brotam versos,
Poemas, como folhas novas,
Então sou árvore transformada.

Mas o velho burrinho
Há que tempos converteu-se em lembrança repentina...

Finalidade

O CAIS foi construído
Para que os navios partam,
Não para que regressem.

O mar existe
Para haver naufrágios,
E é vasto,
Que não restem vestígios.

A vida
É o ludíbrio
Com que a morte arma seus laços ao homem.

Navegar e viver
São a expectativa do barco que vai ao fundo,
Dos pés
Que subitamente tropeçam,
Do relógio que pára
Com a corda partida!

4
9

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Espanto

G
i
l
C
l
e
b
e
r
5
0

UM PÁSSARO
– grande pássaro de chumbo –
Sobrevoa o veleiro –
Esse veleiro de asas pandas
Que não veleja nem naufraga,
Mas o mar afaga;
E de longe,
Do horizonte,
Do fim do mar vem
Essa sombra,
Que não é uma sombra

mas tomba

Feito uma voz a falar em silêncio
Na língua dos deuses pagãos.

O caminho a seguir
É o abismo,
O inimaginado precipício,
Diante do qual
O horror se aproxima com um bater de asas
E um tropel
Como de cascos sobre um chão de vidro
Ou de papel.

E a espessa fumaça que,
De repente,
Alcança e envolve o caminhante,
Será a morte
Cavalgando o corcel negro do destino,
Ou da sorte.

Janelas

Visita

Eu olhava o lustre de luz branca, os metais
que brilhavam, e penosamente abandonava
os últimos gritos do dia.

Giorgio Seferis – *Piazza San Nicolo*

O VENTO de outono é um visitante que não conhecemos
E que chega de repente
No meio da tarde.

A porta gira nas dobradiças,
Abre-se com um rangido,
Pára indecisa
Entre o batente e a parede...

Casa vazia.

Não se constrói uma casa para que alguém more nela,
Mas para ficar vazia quando todos partirem
Ou morrerem...
A sala, o corredor, o vestíbulo,
Estagnados...
Em cada quarto
Vestígios de uma intimidade extinta.

Tudo esfriou, ali,
Subitamente.

Depois as manchas no reboco das paredes,
A tinta que descasca,
Os tijolos que aparecem como um sorriso de dentes podres...

E na varanda
Essa velha cadeira de balanço,
Enquanto um coelho,
No terreiro em frente,

5
3

U
m
C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Some-se
Rápido
Entre as moitas.

G
i
l

C
l
e
b
e
r
5
4

Jardim de outono

NO JARDIM de outono,
Onde as folhas principiam a amarelar nos ramos
E o vento improvisa entre os canteiros
Uma cantilena sobre o frio,
Um pássaro doente inicia
Seu canto provisório.

Do vestido vermelho e dourado
Que passou entre os arbustos
Ficou menos, talvez, que uma impressão
Em olhos lacrimejantes de pó e cansaço,
E a relva,
Docemente rebelde,
Recusou-se a guardar a marca dos teus pés.

Longe um cão latiu ao ser morto,
E uma menina levantou as mãos para o sol
Manchadas com seu primeiro sangue.

No jardim,
O mundo começa a adormecer
Enquanto Abril desfolha e envelhece
E uma nódoa voa
– borboleta de asas amarelas –
Entre as últimas flores.

Somente os grilos persistem
Com suas palavras de vidro
Na medonha solidão.

5
5

U
m

C
o
r

p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Hora trágica

G DIZEM que as duas da tarde
i É a hora do desespero:
l Nenhum pássaro canta
E mesmo o vento se detém entre as folhagens
C Quando bate as duas horas.
l O homem interrompe seu grito,
e O carro de bois pára,
b Os cães espreitam em silêncio,
e E crianças mortas
r Abrem seus olhos súbitos e brancos para o céu,
5
6 E sorriem.

O mito das duas da tarde
Quando chove,
Porque a chuva é suor
Ou sangue,
E o brilho do sol, cansaço...

Não, não convém,
Ó bela entre as belas,
Encontrar-me contigo às duas da tarde:
Seria correr o risco de ver-te envelhecida e fria,
De descobrir tua caveira corroída,
Quebrar-se o encantamento,
Embrulhar-me numa mortalha de gelo.

Livre-me Deus dessa hora terrível,
Livre-me Deus
Da maldição das duas horas.

Setembro

OUÇA:

Setembro está no fim,
E quando setembro finda
Um menino passa
Tornando frias as manhãs.

Um menino passa,
Um menino parte,
Um barco encalha num banco de areia.

No sal das ondas,
O sabor do sangue de uma sereia que o pescador matou com um
arpão,

Matou-a
Como quem deflora a própria filha.

É setembro que finda.
Uma louca passou na estrada
Vestida de pó:
Seria minha irmã – se eu tivesse uma irmã
E me deitasse com ela.
Às seis da tarde

Um rochedo partiu-se ao meio
Com um estalido.
Quem foi crucificado?

Vem, pois, e ouve:
Setembro está no fim,
Espera-nos
A tranqüila primavera.

5
7

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Bodas

G
i
l
DERAM uma festa aqui certa vez,
Uma festa de casamento.

C
l
e
b
e
r
5
8
Na estrada,
A gente endomingada passava.
A casa encheu-se de vozes e cumprimentos
E eu beijei a moça feia
Na frente de todos,
Durante uma brincadeira.

Faz vinte anos.

A casa caiu há muito tempo
E o matagal tomou seu lugar.
A gente endomingada se foi,
E os noivos estão por aí
Carregados de filhos
e de decepções...

A moça feia?
Morreu, um dia, subitamente, enquanto trabalhava na roça.

Eu, estou aqui,
E sinto frio nos ossos.

Alquimia

NA FRUTEIRA da despensa
Apanho, como quem furta,
Uma fruta madura:
Moscas voam,
Cruzam, douradas, o raio de sol
Que entra pela fresta da janela.

Um silvo corta a manhã
Como flecha,
E o dia recai em silêncio...

5
9

Permaneço suspenso do tempo
Com a fruta madura na mão,
Mas o mundo prossegue, célere, sem mim,
E na transmutação que se opera
Cada coisa se transforma em outra coisa,
Até que noutra manhã
– de que os calendários não dão notícia –
Um menino descobre que as moedas guardadas no cofre não va-
lem mais,

U
m

C
o
r
p
o

E percebe que está velho;
A moça feliz vê os amigos partirem
E levarem não seus sapatos,
Mas os rastros que marcavam a areia do jardim,
E aprende que eles estão mortos...

s
e
m

Súbito,
Volto ao meu tempo presente:
A fruta que apanhei na despensa
Apodreceu entre os meus dedos,
E eu nem cheguei a mordê-la...

S
o
m
b
r
a

A estrada

G NA ESTRADA deserta,
i A ramagem do arvoredado verga-se mais
l Sob o peso da luz que se reclina,
C Sob o peso do dia:
l Ninguém passa na estrada deserta.
e
b Para onde vai a estrada deserta?
e – eu pergunto,
r – tu perguntas;
6 Enquanto um ruído, longe,
0 Imita o tropel tranquilo
De um cavalo com seu cavaleiro...
Mas no jarro da sala
As primeiras rosas murcharam,
As pétalas sobre a mesa
O desenho de uma toalha feita de retalhos.

Vejo-a afastar-se no jardim,
Imóvel
Sob o poder do mecanismo que faz avançar os dias:
Na cancela
O trem que não passa é ausência,
O apito que não se ouve
É silêncio a tecer-se dentro de nós,
E o relógio de céleres ponteiros
É o olho do abutre que te espreita.

Pouco importa para onde vai a estrada:
Todos nós caminhamos
Para o que foi música
E hoje é esquecimento.

Amigos

À memória de Pretinho, meu cachorrinho
de estimação que sumiu de casa.

A CADELINHA marrom
E o cãozinho preto
Tornaram-se gente de casa.

Já tive outros cães.
Morreram
E o que haviam sido
Ficou
Feito um interminável abanar de rabo.

Amigos –
Nisto, todos eles se parecem:
A alegria amorosa dos olhos,
Os latidos plenos de poesia
E o rabo, que abanam
Como numa promessa.

6
1

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Noite urbana

G RODAS velozes – um rasgo no asfalto.
i Faróis,
l Letreiros luminosos,
C Rumor de motores na noite,
l Rumor de vozes
e – o intermitente movimento dos passos,
b Das pernas transeuntes,
e Dos cães sonâmbulos...
r
6 a cidade na noite que começa
2 que avança no vôo lento das horas

As garrafas em fila
Nas prateleiras dos botequins,
Promessas de efêmeros sonhos;
Nas vitrines, panos coloridos –
Sugestão de corpos
E uma sensualidade de tecedura;
No balcão da confeitaria
Doces, confeitos, guloseimas,
O plástico das embalagens
Num painel de cores e sabores.

Uma música estrídula enche o espaço
De repente,
Um ritmo, um batuque,
Uma alegria pobre:
E entre as mesas do bar
Os copos de cerveja
E o fumo dos cigarros
Um desenho de curvas ensaia um rebolado...

Ciranda de luzes,
brilhos,
reflexos
e som

No fundo do meu olhar trôpego
A impressão tardia da ilusória cidade,
E entre quantos traçam rumos em todas as calçadas
Teu vulto
É ausência
Inexistência
Morte.

6
3

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Fábula

G
i
l
C
l
e
b
e
r
6
4

MUITO longe,
Onde as pedras, ao rolarem,
Não produzem som algum,
Uma criança doente se aquece ao sol
Enquanto pequenos demônios dançam
Ao meio-dia
A dança da lua.

Tu dizes
“*Uma fábula*”,
E num instante, pensativa,
“*Uma lenda, só uma lenda*”.
Eu digo:
“*Viver é uma fábula,*
Tua existência a lenda”
E de súbito,
Cruzando toda a extensão da casa,
O vento atravessa numa rápida rajada
A varanda, a sala, o corredor
E vai bater uma janela dos fundos.

Ninguém mais, além de mim, na casa vazia.

Sim, tu a lenda, a fábula;
Pois naquele lugar
Onde mora o silêncio
Uma criança doente brinca ao sol
E demônios continuam dançando,
Divertidos e perigosos,
A dança da lua minguante.

Adormecer

LONGAMENTE

Alarga-se o pântano

E nele o rastro.

O que é maior:

O deserto ou esse caminho que através dele alguém assinalou
com seus pés?

De longe vem esse ruído

Como numa profecia sem palavras nem predições,

E novamente ouço tua voz:

“Uma fábula...”

6

5

De novo ergue-se um vento,

Formam círculos no ar

Em rodopio

Poeira e folhas secas:

Quem esteve aqui?

U

m

C

o

r

p

o

À beira do caminho

A criança doente não brinca mais:

Morreu,

Deixou como testemunho

Seus pequenos ossos branquejando ao sol

E uma esquina deserta entre existir e adormecer.

s

e

m

Ao mesmo tempo tua voz

– lenta como o avançar das horas –

S

Se debruça à beira do dia,

À beira da vida,

E eu me deito.

o

m

b

r

a

Indagação

G
i
l

C
l
e
b
e
r
6
6

Como cantar o cântico do Senhor em terra
estranha? – **Salmo 137**, *versículo 4*

UM RAIOSOL cruza a vidraça,

Reto, horizontal,

Flecha infalível –

E fere

Como quem toca um gongo

Os cristais na cristaleira da sala.

Tivesse eu melhor ouvido

E ouviria esse som

– um tinir de taças e copos e jarros –

Que é pura luz.

Voam pássaros nesse instante?

Sobre a cadeira na varanda

O vento vira as páginas de um livro,

Enquanto eu me esqueço de mim

E de minhas horas

E tento escutar a música das esferas.

Teu passo no sótão acorda-me por momentos.

Foi ainda há pouco

Que subiste as escadas,

Mas teu retrato amarelado na parede do corredor

Lembra o que tu foste

E se converteu em memória e ossos.

Como cantar o cântico do Senhor

Numa casa vazia?

Álbum

FOTOGRAFIAS antigas
– palavras de outro tempo,
Inflexões silenciosas,
Versos sem rima:
Somente olhos
Que parecem espreitar-me de longe...

Dos cartões antigos
Quem me vigia são os anos,
Os dias,
O tempo inconsútil
E implacável.

No meio da tarde cinzenta
O mundo é expectativa,
Espera,
Incerteza;
Tua face,
Um desenho a carvão, que desbota...

Um relógio bate as horas
E então sou um pouco menos.
Dia a dia,
No bater as horas o relógio,
Eu diminuo
E me transformo numa palavra sem som...

Sobra-me, no fim, um pouco de pó,
Uma tigela de louça rachada,
Uma velha colher
Coberta de azinhavre.

6
7

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Moças

G
i
l

C
l
e
b
e
r
6
8

E eis que uma mulher lhe saiu ao encontro
com enfeites de prostituta, e astúcia no co-
ração.

Provérbios, Cap.7 vers.10

PELOS portais do entardecer
Entram as mulheres com suas roupas translúcidas
E seus desejos furiosos,
O vermelho dos lábios
E o carmim das faces
Num contraponto tardio
Com o sangue que,
Raro em raro,
Tinge-as entre as coxas.

Eis que vêm sorridentes em sua miséria,
Em seu pálido mistério,
Em sua beleza impossível,
No gesto com que uma delas, de repente,
Saca da bolsa minúscula
O cigarro e a caixinha de fósforos.

Depois,
Na névoa fumarenta de um quarto escuro,
Exibem suas nádegas,
Seu sexo
E suas varizes
Na imitação do prazer.
Mais tarde,
Deitadas ainda
Estendem a mão sonâmbula
Para confirmar sobre a mesinha de cabeceira

O papel rigoroso de seus trinta dinheiros.
Tranqüilas adormecem,
Sem banho, sem perfume e sem amor,
Mas em paz.

6
9

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Inquietação

G
i
l
NO MEIO da noite
O vento, com seu rumor de folhagens e neblina,
Vem como visita que não foi convidada.

C
l
e
b
e
r
7
0
Vem e passa,
E parece que dorme,
E que já não está...
Mas, súbito,
Ei-lo irrequieto a mover-se entre os canteiros,
A agitar-se outra vez...

Não queira,
Mulher que sonha,
Penetrar o segredo do mundo:
Apenas sonhe.

Nem queira,
Mulher que tem medo,
Esconder a verdade:
O pavor com que olhas os ponteiros do relógio
É uma coisa sólida,
Pesa de tua pálpebra
Como lágrima de chumbo.

Navios

O QUE atracou ao cais
Na antiga tarde luminosa
Não foi um navio,
Mas algo que não chegou a ser um naufrágio.

Criança,
Apanha teu carrinho de madeira,
Tua boneca de olhos de vidro
E brinca.
Brinca enquanto tens tempo,
Que num certo dia
A folhinha da parede,
Com a imagem do Sagrado Coração,
Te indicará a hora de partir para o mundo;
E há de vir uma época
Em que, para ti,
Todos os relógios pararão.

E então
Na tarde longa o cais permanecerá deserto:
Aquilo que fora um navio
Ter-se-á convertido em naufrágio.

7
1

U
m

C
o

r
p

o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Terror

G NA LONGA noite
i Voa com suas asas de arame
l O pássaro negro do mau-agouro.

C As luzes se apagaram,
l E as velhas casas
e – e os casebres com suas janelas de ripas –
b Suportam ainda o vendaval que se abateu desde as primeiras ho-
e ras da tarde.

7 Numa varanda antiga,
2 A cadeira de balanço espera a velha com seu cesto de costura
Enquanto no celeiro
Os ratos roem as últimas espigas de milho.

Oh, Senhor dos Exércitos,
Que assombro é esse
Que agita a face do mundo?
Será o vendaval
Ou o bater de asas do pássaro negro?
O que virá com o amanhecer –
O esplendor do sol
Ou os Quatro Cavaleiros do Apocalipse?

Advertência

NÃO perca tempo,
Teu relógio te engana com a lentidão dos ponteiros.

O Tigre das doze horas
Devora teus dias,
Teus caminhos,
Tua roupa nova.
O Tigre das doze horas,
Com garras de urânio
E olhos de ouro,
Está sempre atento...

7
3

Ouves esse ruído?
São os dentes da engrenagem
Transformando os minutos em pó.
O que era tua juventude
Transformou-se em imaginação.

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Canção de ninar

G
i
l
C
l
e
b
e
r
7
4

DEBAIXO da lua

Estendi minha colcha de retalhos,

Preparei meu leito de lama e ferrugem,

No chão deixei minhas roupas,

Minha pele de cera,

Minha nudez tardia.

Colhi as últimas uvas neste fim de outono,

O último sabor de vinho

Ou de vinagre,

A última embriaguez

Antes de adormecer embaixo da lua.

Mas no fundo da mata

Espreitam demônios com olhos de verruma,

Lenços de cambraia e ternos brancos.

No fundo da mata

– onde resta ainda uma porta acesa de bar,

uma mesa,

um balcão atrás do qual cochila um homem gordo –

Os demônios conversam e espreitam:

Que eles jamais adormecem debaixo da lua.

Perenidade

...ENTÃO a tarde avança com grandes passos
Mas sem som algum,
Mas sem deixar pegadas
Como um pássaro,
Que não deixa pegadas no ar quando voa.

O rastro das horas
Fica
No entanto
No eu transitar por elas com o transcurso dos dias.

7
5

Uma vela se faz ao largo,
Um cavalo branco partiu a pata durante o galope,
Longe de algum porto um navio naufragou.
Filhotes romperam a casca dos ovos em algum ninho dentro da
mata,

U
m

Vislumbram a vida
Com os biquinhos abertos e famintos.

C
o
r

Quando eu entrar e fechar a porta
Muita coisa estará findando e começando,
E eu caminharei no escuro da casa
Em direção da noite.

p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Rapsódia na madrugada

G CHOVE,
i Chove tardiamente,
l Chove sempre –
C Inutilmente chove.
l
e A mulher amarela desaparece nas ruas,
b A mulher doente
e Com seus olhos de anteontem,
r Olhos de quem não chegará nunca.
7 (Chove ainda, chove sempre.)
6 Meus dedos tocaram a nervura do teu corpo,
Tua ossatura destrutível,
E tua dor
Soa
Como o canto de um corvo à meia-noite.

No relógio do quarto
A hora refletida pelo espelho da penteadeira não existe:
Um tempo nos foi roubado para envelhecermos sem remédio.
Por que é que chove?

Ah, esse esgotamento,
Aranha terrível de olhos exaustos
A tecer a noite ao meu redor,
Como teia...

Separação

DO FUNDO do quarto
O ruído dos passos no tapete
Vem como um presságio de partida.

(Está escuro.
Uma lâmpada queimou no corredor
E alguém se esqueceu de trocá-la.)

Saio para o jardim
Como quem procura um mundo falso:
Um cavalo alquebrado passa arrastando uma carroça,
E o homem que vai nela tem o chapéu caído,
Os ombros caídos,
Um cigarro apagado no canto da boca.

O sol traçou uma linha contínua no céu,
Nuvens dissolveram-se contra o azul;
Nos oratórios, padres cometeram o sacrilégio do perjúrio
E freiras luxuriosas
Acariciavam o Cristo Morto na cruz da sacristia.

Na janela do andar de cima
O que seria um aceno
Converteu-se em adeus.
A porta dos fundos bateu
E o som permaneceu suspenso no ar
Feito guilhotina.
Ao longe,
O apito de um trem varou a tarde
E pássaros tombaram do alto
Por terem arriscado um vôo com asas de papel.

7

7

U

m

C

o

r

p

o

s

e

m

S

o

m

b

r

a

Trajeto

G
i
l
C
l
e
b
e
r
7
8

NAQUELE tempo
Nós éramos os que caminhavam na sombra.
No salão de jogos cheio de luz,
Gente a brincar e conversar,
Mas nós éramos os que passavam em silêncio.

Era tarde quando vínhamos,
E então quem chegasse à janela não tinha rosto:
Apenas um punhado de noite tingia-lhe a face.

Daquela alegria que não foi minha
Sobraram umas janelas fechadas
Que o mau tempo aos poucos vai destruindo,
E os que ali estiveram
Escaparam de minhas mãos como areia.

Sim,
Éramos os que caminhavam na sombra –
Eu, minha mãe, minha avó,
Voltando à noite da igreja,
Caminho da roça,
Rumo de casa.

Insônia

O RELÓGIO da torre que eu invento
Me diz que é meia-noite.
Ouço o sino
Como que do fundo de um poço.
Abro as janelas do sótão
E uma ave noturna espia para mim
Com seus olhos cheios de presságios,
Mas fico contemplando a treva
Como página escrita que não sei ler.

7

No porão
Ratos estão roendo imagens,
Ossos,
Meu ser mais antigo,
Meu coração débil.

9

U
m

Se olho minhas mãos,
Vejo sua caveira desarticulada
Cheia de líquens e musgo,
E percebo que na escuridão
Meus acenos e meus gestos foram roubados.
Um vento cheio de rumores
Passa
Carregando folhas secas e pesadelos.

C
o
r
p
o

s
e
m

Tentei dormir – mas em vão.

S

Lentamente a noite avança
Como um aleijado subindo a rua principal.

o
m
b
r
a

Desespero

G NO FUNDO do quintal
i Os formigueiros se multiplicam,
l A erva daninha envolve as árvores,
C O musgo mancha os bancos de pedra.

l O portão da frente bateu,
e E quando fui ver
b Não havia ninguém:
e Uma folha seca levada pela brisa morna
r Foi o gesto de tua mão
8 Que vislumbrei na hora avançada.
0

Ao longo da avenida,
Na trágica quietude deste domingo fervente
Um carro
– grande rinoceronte de aço –
Passa
Em desespero.

Na janela aberta da casa abandonada
Do outro lado da rua,
Alguém esqueceu um trapo pendurado:
Um pano de saco,
Um lençol encardido,
Uma velha camisa...?

De sobre o telhado em ruína,
Vastas asas negras
Lentamente
Alçam vôo.

Dissolução

SOBRE as migalhas de pão
Na toalha da mesa da cozinha,
Voam moscas douradas pelo sol.

Na parede, o relógio marca três horas.

Tudo em volta
– a casa, as árvores, as rochas –
Parece não ter peso.

O relógio sempre marcará três horas:
Quando as frutas apodrecerem na despensa,
Quando seus dedos apodrecerem na terra,
Quando meus cabelos caírem,
Sempre – sempre serão três horas.

Ó Deus!, que me livraste do horror das duas horas,
Como poderei atravessar as três
Sem que minha mente se quebre ao meio?

8
1

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Sobressalto

G
i
l
C
l
e
b
e
r
8
2

CAQUIS apodrecem no chão,
Na terra,
Em meio a ossos e pedregulhos.
O entardecer não seria entardecer
Não fosse esse rumor de vento no matagal:
O sol que se põe é mero incidente
Sem significado algum.
Sua luz ocídua
Será por acaso o verso que não escreverei nunca,
O poema calado na boca dos cadáveres.

Ruídos maus perturbam o silêncio,
Um e outro pássaros soltam no ar seu canto tardo e inútil,
Mas as frutas que apodreceram
Não serão para o meu paladar.

O mundo parece descosido
– um vaso rachado, cheio de pó –,
E, no que procuro compor a mesa para o chá,
As xícaras, os talheres, os biscoitos no boião de vidro
Parecem-me
Subitamente
Recobertos de vermes.

Destruição

ENTRE as flores antigas
Transitam as abelhas em seu vôo de pólen,
Enquanto o musgo sorrateiro
Invade a parede dos fundos da casa velha.

Muitos anos serão necessários
Para que a sombra da morte nos assole a vida,
Mas enquanto o mel dourar a garrafa incolor
Manteremos a ilusão de eternidade.

O jardim já não existe nestes canteiros desfeitos,
O estuque da parede dos fundos caiu,
Ficou o entrançamento dos paus onde os cupins abrem amplas
galerias,

Sinuosas avenidas,
Mas o musgo avança
Na direção dos meus ossos.

As cores que sugeriam pétalas e perfume
Tornaram-se cinzentas;
E o pássaro desconhecido,
Incapaz de voar,
Fechou suas asas e recolheu-se ao fundo do porão.

Quando fui até a colméia, entre as árvores,
Vi
Que o último favo de mel estava seco.

8
3

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Salão de festas

G
i
l

Sim, divirtam-se; para isso é que a gente
vai à festa, e a festa dura pouco...

Grazia Deledda – *Canções ao vento*

C
l
e
b
e
r
8
4

GIRO a chave e empurro a porta:
Com um rangido e um esvoaçar de cortinas
Abre-se o salão...
Num instante é luz
Dança e alegria,
Noutro – sombras e pó.

O coração do homem é um escrínio para jóias falsas,
Ouropéis,
Mas seus lábios fecham-se como um cofre.
Meus olhos são o escrínio a guardar miragens.

Houve um tempo em que a manhã abria-se como uma promessa,
E os dias eram claros.
Vieram as chuvas,
O granizo,
E um leopardo voraz deixou suas pegadas na lama.
Eia,
Que ainda posso ver seus olhos de fogo através da vidraça.

Duendes dançam no ocaso,
E o salão de festas com seus lustres apagados
Sugere um túmulo.

Prudência

ENTÃO se abrem as cortinas
E a luz do dia entra,
Inesperada visitante das boas novas.

No salão
O ruído de passos diz que alguém parte,
E no andar de cima
O que parece vozes
É uma impressão de anteontem,
Quando era plausível sorrir.

8
5

No cerne da casa
Os vermes corroem a estrutura da vida,
O caruncho avança
Feito fera,
E quando pelas janelas abertas entrar o vento do inverno,
A dor em nossos ossos nos há de falar da pátina do tempo.

U
m

C
o
r
p
o

Não,
Fechemos as cortinas,
As janelas,
Ainda é tempo de prudência:
Mergulhemos na sombra,
Adormecemos no esquecimento.

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Invasão

G A LUA se esconde,
i Fecha-se como pérola dentro da ostra.
l

C Um cão negro atravessou a madrugada com seus olhos de granizo
l E seus dentes de metal,
e Invadiu o coração dos homens desprotegidos pelo sono.
b Sobreveio um vento tardio às cinco da manhã
e Trazendo um presságio de dor e assombro:
r É quando vemos no alvorecer
8 Um cortejo passar,
6 Um cortejo de mortos.

Na névoa
Fadas, duendes e demônios
Brincarão de roda,
Uma eterna ciranda de fumaça e silêncio
A se dissolver no ar,
Enquanto, em nosso medo,
Nos lembraremos das histórias de assombração que ouvíamos na
infância

E diremos: “*Tempos felizes!*”
E fecharemos as janelas sobre os ossos
Daqueles que não chegaram até aqui.

Nudez

DEIXA, Mulher do Sonho,
O teu chapéu no alpendre.
Não entra este recinto
Com tuas plumas coloridas,
Pois essas cores não combinam com a sombra.

Ontem um beija-flor esteve aqui,
Veloz, colorido e belo,
E converteu-se no pássaro cinzento e imóvel
Daquele retrato na parede do corredor.

Deixa também ali
O rosado das tuas faces,
E vem pálida;
E ainda o teu vestido de lantejoulas,
E vem nua.

Por fim, Mulher do Sonho,
Deixa no alpendre tua vida
E te debruça em meu ombro
Morta.

8
7

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Riso

G A NECESSIDADE de rir é dos tolos e dos néscios,
i Por isso me resguardo da multidão que ri,
l E vejo passarem em procissão no entardecer
C Os proscritos do sonho com suas capas de chuva.

l Um raio de sol atravessa a vitrine
e E ilumina os pães no cesto
b E o avental novo do padeiro;
e Enquanto isso
r Abelhas com suas asas de seda
8 Sobvoam os bolos no balcão da confeitaria.
8

Um homem sai da confeitaria
E abre o guarda-chuva em plena tarde:
Alguém ri
E continua rindo muito depois de o riso acabar,
Mas o sino da igreja
Anuncia um corpo que desce a rua.

Na vigília
O sono é uma esperança,
Mas um mendigo bate à porta e ri
Enquanto a ventania fustiga a vidraça.
A ventania pára, volta, pára...
Mas o mendigo parte:
Este som de muletas que se afasta calçada afora.

Ah, Senhor,
Quisera sonhar,
Mas sonhar será sempre como um lenço cheio de remendos
Feito o lenço de um bêbado.

Porões

Três Marias

LEMBRA-TE, Maria Primeira, de quando ainda é cedo
E não cortes os teus cabelos
Com a machadinha do assassino,
Nem assines o teu nome
Com o sangue do culpado:
O do inocente é mais doce.

Acorda, Maria Segunda, ao meio-dia,
Abre os teus olhos para o sol a pino
Que, no céu, é feito um ídolo pagão,
Uma caveira incandescente,
E te entrega a essa indecente visão.

Mas tu, Maria Terceira,
Musa da hora tardia,
Aponta com tua unha de nácar
O mostrador do tempo
A nos indicar o impossível,
E abre os cadeados que nos mantém presos
À nossa corruptível herança.

9
1

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Mergulho

G
i
l

C
l
e
b
e
r

9
2

QUANDO cai a tarde,
Nesse breve instante logo depois que o sol se põe,
O vento que atravessa as folhagens
Conta uma história,
Um mito do tempo antigo.

A casa velha,
O jardim de ontem
– outono desfolhando rosas:
Pétalas e ossos
E a caveira guardada no porão
Com seu sorriso imóvel
E sua brancura de cera,
Dissolvendo-se na penumbra.

Quando eu me despir
Um instante após o ocaso,
Às imensas sombras que descem
Abrirei meus braços
Para mergulhar na noite
Como quem se atira de um penhasco.

NO PASSEIO público
Cadáveres de amanhã
Transitam seu resto de vida
Com roupas novas,
Cartões de crédito
E ares de importância.

Deixaram em casa seus ataúdes,
Seus corcéis com penachos,
Suas flores de alumínio
E saíram a passear.

O centro da cidade enche-se de pernas, sapatos
E disfarces,
Mas esse passeio termina na sombra e no silêncio.
É quando se pode ouvir
Numas vozes sumidas
Não lamentos, nem palavrões, nem discursos,
Mas essa palavra,
Esse mero monótono ruído:

bobok, bobok, bobok...

9
3

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

² Inspirado no conto “Bobok”, de Dostoievski.

Perpetum mobile

G
i
l

C
l
e
b
e
r

9
4

SE HÁ uma árvore no pátio
E um pássaro vem
E pousa num galho
E canta,
Canta
Pousado num galho
O pássaro que veio
Até a árvore que há no pátio
Aonde um pássaro vem
E pousa num galho
E canta...

Um pássaro contra a vidraça

A José Nilo, que numa de suas cartas anotava a frase que serve de título ao poema.

PRESSINTO o veneno das ruas
Na noturna cidade,
O uivo contido do desespero
Nessas esquinas abruptas,
Na dobra dos muros,
No ângulo sombrio dos edifícios.

No fundo de um poço
A água é um espelho que reflete estrelas
E o espanto do rosto que se debruça.
Nas paredes esverdeadas de lodo
O musgo desenha uma geografia diferente,
Uma terra do nunca,
Um caminho no absurdo de estar aqui.

No vigésimo andar de um prédio
Um pássaro debate-se de encontro à vidraça,
Mas o vidro de aço
Não se abre às suas asas de papel.
Uma nuvem de chuva
Encobre lentamente
A perturbadora face vermelha da lua.

9
5

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Mistério

À memória de minha avó Maria Rodrigues

G
i
l
C
l
e
b
e
r
9
6

UM CHAMADO repentino
Fez meu pai levantar certa madrugada
E partir, montado em seu cavalo:
Minha avó,
Sábia como as pessoas muito velhas,
Tornara-se flor inacessível,
 rosa de invisíveis pétalas,
 imagem a desbotar no papel de antigos retratos em
 preto e branco,
Nas gavetas de ontem.

Findo o mistério,
Meu pai regressou –
Sempre em seu cavalo,
E eu era apenas um garoto.
Hoje sou um homem,
Lembro-me disto
E faço versos.

Conspiração

O TÚMULO e o defunto que nele dorme
Conspiram contra o sossego do dia.
Um se abre, às vezes, como janela que dá para a rua,
O outro bota a cara cá para fora
Como velha alcoviteira
que espia a vida do próximo.

Um cachorro,
Desses cujo dono é o mundo e ninguém
E que anda pela aí com as costelas à mostra
E viveiro de bernês no lombo,
Passando por ali, decerto vai farejar,
Deixar sua marca
– seu mijó amarelo –
Na lápide afundada na relva.

Mas quando a tarde avança
E uma viração fria traz umas rajadas de inverno,
O defunto ajeita a mortalha em volta do corpo escarnado,
Dá mais uma espiada para a rua,
Para o tempo,
E volta para dentro,
Para o eterno abrigo, pensando:
*“Vai chover esta noite,
E uma frente fria vem aí...”*

9
7

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Plenitude

G
i
l
C
l
e
b
e
r
9
8

O GATO persegue um pássaro
Em rápida corrida,
Salto veloz e infalível,
E ambos tombam na grama
Entre os canteiros do jardim.

O pássaro se converteu em gorjeio emudecido,
Vôo estagnado,
Eternidade:
No ar existe agora um vão com a forma de sua envergadura.
O gato cristalizou-se,
No instante em que suas patas alcançaram o pássaro
E seus dentes o devoraram
Transformou-se num ruflar de asas,
E seu miado em canto mavioso.

Hoje vive numa gaiola!
Pobre gato:
Pensou alcançar a plenitude
E conseguiu apenas perder a liberdade.

Silêncio

A ESTA hora
O centro da cidade fervilha:
A multidão se dilacera,
O trânsito rebenta com fragor,
A todo vapor o carro de anúncios irrompe com seus mil alto-
falantes

Enquanto a sirene da polícia passa, histórica,
Um helicóptero sobrevoa ensurdecidamente
E um supersônico atoa ao longe...

O tempo é um grande silêncio.

Debruçam-se sobre a pêndula da sala de jantar
Os minutos sombrios,
Mas nada se altera:
Morte é quietude e eternidade.

9
9

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Das frutas

G
i
l
NA MESINHA do corredor,
Entre a moringa e o bordado de um lenço,
Frutas apodrecem num prato antigo de porcelana.

C
l
e
b
e
r
1
0
0
Uvas, peras, bananas apodrecem na despensa,
Na chácara,
Enchem a casa de moscas.
Oh, linda adolescente,
A penugem de tua barriga lembra um pêssego maduro,
Mas a pêndula da sala de jantar
Profere um vaticínio acerca de ossos e sepulturas.
Na cozinha
Suprimiram mais um dia na folhinha de bloco
E toda a casa parece flutuar ao sol escaldante da tarde.

Linda adolescente,
Pêssego que também apodrecerá,
Liga o rádio,
Deixa uma canção da moda mexer teu corpo,
Dança um pouco
enquanto é tempo.

Laceração

SUBITAMENTE

Abro os olhos
Na tarde estival
Após a chuva,
Volto-me para as grandes sombras:
Eis a terrível fera noturna
À espreita dos meus ossos.

Na minha mão
A maçã vermelha da lascívia
Apodreceu,
Meu sexo murchou,
Converteu-se em flor despetalada,
Nervura inútil e ressequida.

De repente
Um grito de horror rasga a tarde:
A terrível fera avança,
E uma mulher sem rosto
Eleva-se
Crucificada contra o poente.

Cubro meus olhos,
Curvo-me,
Estou atento:
Ontem
É apenas lembrança e pó,
E amanhã
Mera hipótese de esperança
E esquecimento.

1
0
1

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Penso que também tive sonhos,
Alguns dormindo...

G
i
l

C
l
e
b
e
r

1
0
2

Conselho

ESCUTA,
Filho meu,
O que te digo:
Todo quarto fechado guarda um segredo,
Toda porta tem duas faces:
 prisão
 e liberdade,
E a alma da mulher é um poço.

Se abrires o quarto
Revela-se o segredo;
Se derrubares a porta
Dissolve-se a prisão,
Mas a liberdade deixa de ter sentido.

Quanto ao poço,
É caminho sem volta:
Evita te afogares nele.

1
0
3

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

A sala

G
i
l

C
l
e
b
e
r

1
0
4

NA SALA,

O abajur aceso

Inventa sombras

Ao longo das paredes azuis,

Transparências de penumbra

Em que submergem as coisas,

Enquanto as curvas da tua nudez

Se dissolvem mansamente junto às dobras da cortina.

Os frisos dourados do lustre

Surgem

Como fulgores repentinos,

E na estante

Os volumes alinhados esperam a curiosidade dos que querem saber,

Mas os olhos

Se fecham na modorra vespéral.

Do dia

O que resta é cinza e dormência,

O sol se põe

Como uma pedra que cai.

Pela vidraça

Lentamente

A noite entra com seus silêncios,

Suas pétalas cheias de presságios,

Suas lâminas repletas de escuridão e sussurros.

A cozinha

NA COZINHA

Panelas,

Conchas,

Escumadeiras rebrilham

E o sabor da comida traduz

o tinido do ferro,

a água que corre da torneira,

o crepitar da lenha no fogão.

Em cima da mesa

Um copo recria

Em sua borda

O sol

Cujo raio cruza a extensão do terreiro,

Atravessa a porta

E entra

A fazer travessuras nos teus cabelos.

1
0
5

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

A velha casa

G
i
l

A VELHA casa
Não está mais ali.

C
l
e
b
e
r
1
0
6

Decerto ainda escuto passos no assoalho de madeira,
O rangido da janela do corredor, que se fechava ao escurecer,
E tarde da noite
Ratos correndo pelo forro...

Na velha casa
Ultimamente
Só alguns guardados,
E o vão das portas e janelas
Como palavras sem som
Numa boca aberta
E imóvel...

Mas ainda vejo minha mãe,
Garrafa de querosene em punho,
Em sua luta inútil contra os cupins que infestavam o madeirame.

A velha casa
Deixou em seu lugar um espaço em branco
À espera de novas paredes.

Mas não há dúvida:
Ali está meu pai ainda penteando o cabelo
Em frente ao espelho do guarda-vestido,
É ele também que sobe ao telhado para consertá-lo,
Pois uma goteira vinha ameaçar a tranquilidade doméstica,
E esta zanga que se escuta
É minha mãe ralhando

Se algum de nós carrega lá para dentro
Uma fumarenta lamparina a querosene...

A velha casa
Converteu-se em entulho
E foi levada pela pá mecânica –
Mas existem ainda essas paredes cor-de-rosa
Num retrato colorido
E num tanto de angústia que adormece em meu peito.

Ah, a velha casa...

Ah, essa tarde fria,
Este sábado ventoso que caminha para o inverno,
Este coração
Cativo de todos os pesares...

1
0
7

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Menino

G
i
l

C
l
e
b
e
r

1
0
8

PELO caminho

Quem vem

É um menino negro

Com sua sombra de arco-íris,

Seus dedos de argila,

Sua pele

De noite e escravidão.

Um menino

Com seus segredos

E seus cadeados,

Seus tombadilhos de navios negreiros

E o mapa da grande África

Riscado a ferro e chicote na alma.

Um simples menino negro

Abrindo-se num sorriso branco.

No Jardim

NO LONGO entardecer
O silvo da ventania,
Invisível navalha...

Alguns cães passam
Farejando uma cadela no cio;
Um pássaro alça vôo,
Luta com suas asas
Contra o poente.
No Jardim (do Éden)
Adão está só,
E inquieta-se com sua solidão.
Deus, porém, atende-lhe os anseios
E rouba-lhe uma costela.
Ávida, a serpente está à espreita...

Depois de tanto tempo
O Jardim converteu-se em estacionamento de algum *boulevard*,
Quem sabe num ferro-velho
Ou num lixão nos arredores de uma metrópole...

Pensar essas coisas
Faz-me adormecer o espírito,
Mas eu não perco minha costela.
Ainda assim
A serpente oferece-me o fruto proibido
Que eu,
Pensativo,
Seguro entre os dedos.

1
0
9

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Reencontro

G
i
l

C
l
e
b
e
r

1
1
0

NO ALPENDRE

Você deixou seus sapatos

e seu rastro,

E ao entrar na sala vazia

Não trazia nome nem sombra.

Fitei seus olhos

E vi que haviam perdido a cor

como um papel antigo.

Que palavras vogavam em minha boca

Que eu não disse?

De que gestos

Minhas mãos se haviam esquecido?

Você cruzou a sala

E afastou a cortina da janela.

Na parede, a folhinha marcava um dia de maio,

Mas o relógio havia parado.

Levantei-me e abri a gaveta de guardados da cômoda:

“Aqui estão as agulhas e as linhas” eu disse

“Com que costuro os retalhos do Tempo”;

Você, por sua vez,

Tirou da bolsa e me mostrou umas imagens desbotadas:

Relembravam rostos e lugares,

Mas eram apenas manchas em pedaços de papel.

Vimo-nos em outra época?

Que geleiras desmoronaram entre nós?

Qual o propósito disto tudo

Quando de amor

O coração já não bate?

Herança

TEU corpo esguio
Alonga-se
Na ponta dos pés
Para apanhar a jarra no alto da cristaleira.

Teu rastro já se desmanchou em todas as ruas
E o dourado da tua pele
Desfez-se em sombra:
O vestido vermelho que usavas apagou-se,
E o que foi teu vulto no crepúsculo
Converteu-se em caso, lembrança,
História antiga.

De dentro da jarra,
Que no chão se fez miríade,
Voou o pássaro púrpura da morte.

Antes de tudo
Seria preciso que soubesses a verdade:
Os que herdaram a escuridão
Não podem permanecer despertos ao meio-dia.

1
1
1

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Latência

G
i
l

C
l
e
b
e
r

1
1
2

NA CASA antiga
Os cômodos desertos enchem-se de murmúrios
Detrás dos postigos fechados,
E entre a cristaleira e o piano
Teu vestido branco
É uma nódoa esvaecente
De remota lembrança.

Naquela tarde tu estavas ali,
E no teu peitilho
Uma flor amarela principiava a murchar.
Depois baixaram-se as vidraças,
Correram-se as cortinas,
E o tempo trouxe outras tardes,

outras flores,
outros vestidos...

Um pássaro que alça vôo
Será despedida?
Será irremediável perda
Esse relógio quebrado
No bolso do colete?

Asas, ossos, flor amarela,
O esmalte do teu sorriso:
Tudo jaz
No escrínio da memória;
Tudo jaz
Como murmúrio
Detrás dos postigos fechados
Na sala sombria.

Pátina

HOUVE um tempo
Em que se ouvia música aqui;
Mas tuas mãos
– quando? quando? –
Súbito, haviam desaparecido,
E traças percorriam a partitura sobre o piano.

Esse rangido na porta
– e nos ossos –
É o sinal dos dias.

Tardes brancas se sucedem
Compondo os anos assinalados na folhinha:
A silenciosa ferrugem avança sobre os metais,
E o limo desenha manchas na parede,
Próximo ao rodapé.

Ternura é uma coisa de que me lembro...
Antigamente existia,
Mas um vento que durou muitos anos
Passou e apagou todos os sinais.

Esse gorjeio no dia tranquilo
É um pássaro
Que espera a hora de morrer.

1
1
3

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Desencanto

G
i
l

PRESSINTO essa dor,
Esses pés descalços,
Essa aflitiva insônia.

C
l
e
b
e
r

Quando você chegou
Com sua capa de frio e suas incertezas,
Batia meia-noite.
A lua era uma caveira boiando no espaço
E parecia iluminar o inferno.

1
1
4

Que esperança sucumbiu às nossas mãos mirradas?
Em que pergaminhos arcaicos
Nossos nomes se apagaram?
Ambos estaremos mortos?

A ventania é um devaneio nas vidraças do leprosário
E nas grades do hospício.
O inverno figura um mendigo
 rua afora
 tropeçando nas pedras.

Meu rosto é esse retrato
Que desbota na parede da sala,
Mas você ainda tem o vestido de baile
Com um recheio de ossos.
A triste luz da lamparina
Clareia minha vigília,
Você, porém, adormece
Como um pássaro que recolhe a asa ferida.

Viajante

UM HOMEM caminha embaixo do sol
E tem a sombra à sua direita.

A estrada é reta e plana,
Não galga montes
Nem desce vertentes,
Mas tudo é distante
E a fonte de águas frescas
Existe num vale
Que fica somente depois da última curva.

O homem descalça os sapatos
E seca o suor do rosto com desânimo.
O sol a pino
É um olho que nada vê
mas queima.

À beira da estrada
Que árvore será esta
Que não projeta sombra
Mas o espírito transtorna
E assombra?

1
1
5

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Tango argentino

G
i
l

NA MOLDURA antiga
Esse sorriso em preto-e-branco
É aquele de que ninguém mais lembra.

C
l
e
b
e
r

1
1
6

Naquela tarde
Meninos passaram correndo defronte ao jardim
E cruzaram a rua na direção do futuro.
Uma echarpe e um chapéu dobraram a esquina,
E na vitrola
O tango argentino tinha sabor de cigarro e dúvida.

Um fiapo de sol entrou a dourar a antiga moldura,
A sala se coloriu
E meus olhos brilharam.
Teu sorriso, contudo,
Permaneceu sem cor na rigidez do papel
E se dissolveu no anoitecer.

O tango silenciou na vitrola.
Só uma cigarra canta, a espaços, na solidão medonha.

Juízo final

AO FIM da tarde

– Pouco depois do Ângelus –,

Quando as primeiras luzes se acendem nas ruas do centro,

Com fragor

Sete trombetas anunciam o fim dos dias,

Mas o povo não presta atenção.

Um homem chega à porta do bar:

O céu se enrola como papel

E a lua se converte em sangue,

Mas ele apenas cuspinha...

1
1
7

Uma mulher vestida de sol

e com dores de parto

pisa a lua

E leva doze estrelas sobre a cabeça,

Mas a menina estrábica do apartamento de cima

Deixa o moleque da tinturaria tirar-lhe a calcinha num terreno
baldio.

U
m

C
o
r
p
o

Sobe uma besta a oriente e outra a ocidente,

E uma terceira emerge do mar mostrando seu número

Enquanto uma dona de casa atravessa a rua preocupada com o
custo de vida,

E vai reclamar no açougue o preço da carne de segunda.

s
e
m

A grande prostituta chamada Babilônia uiva,

Mas o carros percorrem as avenidas,

Param nos sinais e avançam,

Os coletivos recolhem e despejam pessoas,

Passam lotados,

S
o
m
b
r
a

Passam vazios...

No jóquei clube, os ricos,

Ignorando quatro sombrios cavaleiros que cruzam os céus,

Discutem o favorito do último páreo.

À meia-noite todos param

De frio, de cansaço,

E ao surgir para o grande juízo

Deus encontra o mundo

meio adormecido,

meio louco...

O Senhor desanima.

“Que mundo é esse?” pergunta-se,

“Como pude criar uma coisa assim?”,

E, incontinenti, resolve deixar tudo de mão:

Sorrateiro,

Volta através dos céus

Rumo ao esquecimento.

G
i
l

C
l
e
b
e
r

1
1
8

Vitrais

UMA súbita ventania
Desce as encostas crestadas,
Avança pela planície
Alcança a casa e os olhos que da varanda vigiam.

Alguém grita?
Grita,
Mas o som dessa voz é noite,
Tesouro submerso,
Invisível ossada.

Os homens se converteram em estátuas,
Imóveis
Nas esquinas do tempo.
Em tua mão uma flor secou
E minha boca encheu-se de sangue.
Que vitrais tingirão o gesso desses cadáveres
E o recanto do quarto
Onde esqueceram um ataúde vazio?

A morte joga e rouba nas cartas
E uma criança enferma descobre que seus lápis-de-cor se torna-
ram cinzentos...

Onde estão os vitrais?
Que torre da catedral se mantém de pé?
O som dessa voz é noite.
Que cantiga trará outra vez o dia?

1
1
9

U
m

C
o
r

p
o

s
e
m

S
o
m

b
r
a

Condenação

G
i
l
C
l
e
b
e
r
1
2
0

NO ESCURO do teu coração,
Onde nem os lobos alcançam,
A ventania corta amplidões de deserto
Enquanto a lua
Menos lua e mais caveira se parece.
A árvore dos meus dias crestou-se.
Cinzento é o mundo,
Não o olhar para ele.
O medo que se pressente
Subjaz
Como um cofre fechado.

Crianças choram,
Morrem feito passarinhos com frio.

A lâmpada na neblina apagou-se como um olho que se fecha
E a rua escureceu.
Pela manhã
Viram que um homem havia morrido ali,
Mas continuava de pé –
Escultura de gelo

e pavor!

Vesperal

QUERO tomar de papel e lápis
Para contar histórias,

lendas,
contos de fadas e fábulas,

Mas a hora vesperal imobiliza-me.

Na janela passa uma sombra com um sorriso perplexo
e olhos de ontem,
um gesto menos que um a-
deus...

Aquele rochedo ao longe

1

Parece a corcunda dum velho gigante sob a chuva,

2

E na encosta do monte

1

Um coqueiro solitário

Desfolha-se batido pela ventania.

Se eu te escrever uma carta,

U
m

Amada minha,

Não leias,

C

Não corras o risco de conhecer segredos

o

que possam abrir-te as portas
do inferno.

r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

Espelho

G
i
l

A CASA fechada parece uma estranha concha,

E as plantas em vasos na varanda

Semelham confusão e engano:

Não possuem pétalas

C
l
e
b
e
r

nem projetam sombra.

Na janela alguém agita um lenço branco

Mas o cômodo é escuro

E da rua não se vê quem está ali.

Será lenço ou só a lembrança de alegrias extintas?

1
2
2

Quero atravessar o jardim,

Mas quando olho para meus pés

Vejo que estou sem sapatos

E há espinhos entre os canteiros.

Permaneço imóvel:

O outro lado não me é dado conhecer,

E na janela o que vejo agora

É um rosto lívido e assombrado

Como se eu estivesse defronte a um espelho,

Mas de longe.

Assombração

ESSE momento de tua voz

É equívoco,

É esquivo.

O que se ouve

é tão somente o assovio do vento nos arames da cerca,

e quando abro os olhos

vejo que anoitece

e principia a chover.

Tuas palavras lembram infância

E desespero,

Mas estão imóveis,

Cristalizadas

Num dicionário que se esqueceu em qualquer gaveta de uma
cômoda velha,

Como aquela que havia no quarto de minha avó.

Sento-me na varanda

E de olhos fechados sinto um arrepio na pele,

Mas não de frio,

Apesar da aragem:

É a presença invisível de teu fantasma,

Tua alma penada,

Porque estás morta

– Há tempos –,

E teus ossos branquejam

Ao desafio das horas,

dos minutos sem fim.

1

2

3

U
m

C
o

r

p

o

s

e

m

S

o

m

b

r

a

O Sol ilumina o dia

G
i
l

QUANDO nasce o dia
A noite cai outra vez
Do negrume dos teus olhos.

C
l
e
b
e
r
1
2
4

É maio,
O tempo da espera,
Quando de véus se cobrem as cabeças das virgens,
Mas as rosas brancas murcharam,
Tuas mãos murcharam,
Teus lábios perderam a cor.

Desenharam um sol,
A lápis,
Na folha do caderno.
Isso foi ontem.
Hoje
É dia de assombrar-se.

É o dia em que as feras deixam seu fojo
E passeiam pelas ruas da cidade
Escondidas no coração dos homens.
É o dia em que costureiras mortas,
Sentadas diante de antigas máquinas Singer, de ferro,
Costuram a solidão dos nossos ossos.
É o dia em que olhos fundos e tristes
Contemplam no espelho do banheiro
Os sonhos despedaçados.

Desenlace

QUANDO não é dia nem noite,
Nem tarde nem manhã,
É uma hora incerta e escura –
Hora em que da alma dilacerada pesa a mortalha
Feito uma toalha úmida no inverno,
E o frio se cristaliza numa camada de escuridão.

Tudo se consumou:
Com efeito, na paisagem branca
O que resta da tragédia
É um vulto a apontar com o braço imóvel
Um desvio do caminho.

Na faca enferrujada,
Colhida entre os trastes do inventário,
Viam-se ainda as nódoas de sangue do homem morto,
E no quarto abandonado
Uma camisa suja
– esquecida num canto –
Testifica ausência,
Mas dos autos do processo
A prova do crime foi arrancada,
Deixaram no lugar uma folha seca
E uma página em branco com um carimbo oficial.

Os olhos cansados fitam a luz amarela,
O corpo relaxa a tensão,
Esmacece o sentido de existir:
Prova perdida, homem morto, faca,
Desvio do caminho –
Vestir, como despojo, a camisa suja

1
2
5

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

E abandonar a sala
Como quem deixa a vida.

G
i
l

C
l
e
b
e
r

1
2
6

Incúria

O JARDIM floriu na primavera
E as borboletas figuravam pétalas à solta no ar...
Da varanda escutava-se o passaredo em plena tarde
E a grita das crianças brincando de roda
Onde uma menina de cachos dourados está aprisionada em seu
círculo,
Mas do meio das árvores os lobos vigiam nossa dormência
E esperam o vendaval para atacar.

Algum de nós adormeceu?	1
Que pesadelos foram apenas sonhos?	2
Pagaremos caro por nossa incúria,	7
Pois quando abrimos os olhos	
Vemos que a geada crestou as flores	U
E dos pássaros congelou o canto e o vôo.	m
A brincadeira de roda acabou	
E na rua em frente passa um esquife	C
Levando a menina de cachos dourados para sempre aprisionada.	o
	r
Os lobos,	p
Ainda famintos,	o
Partiram à procura de novas presas.	
Estamos mortos	s
E vemos essas coisas com indiferença	e
E um sabor amargo na língua.	m
	S
	o
	m
	b
	r
	a

Emboscada

G
i
l

C
l
e
b
e
r

AINDA sinto tão tuas estas mãos

Estranhas e diversas,
E o sinal dos teus dedos sujos de terra
Fica na minha pele
Feito advertência.

É o tempo que me acaricia

E desvenda a chama apagada no crepúsculo,
As cores da noite,
Uma suposição de amanhecer.

1
2
8

Teus passos através do salão, em direção à janela,

São uma história de estares aqui;
E o bilhete deixado embaixo da xícara
Na mesa do café
Não será tua despedida,
Nem tua fuga sub-reptícia,
Mas um poema
Ou um versículo...

Sempre o tempo com suas vozes,

Seu corrosivo pêndulo,
Suas lembranças de lendas
Que a avó contava às crianças
Com seus grandes olhos abertos de espanto.

Abro a porta da frente

E o meio-dia arde nas tuas retinas.
Teu sorriso é uma grande flor branca que de-
sabrocha.

Suspiro
Com alívio e pesar,
Pois bem sei que essa calma engana

E o quanto
Detrás dos postigos
Espreita-nos o fim
Com um peso de eternidade.

1
2
9

U
m

C
o
r
p
o

s
e
m

S
o
m
b
r
a

À beira do caminho
A criança doente não brinca mais:
Morreu,
Deixou como testemunho
Seus pequenos ossos branquejando ao sol
E uma esquina deserta entre existir e adormecer.